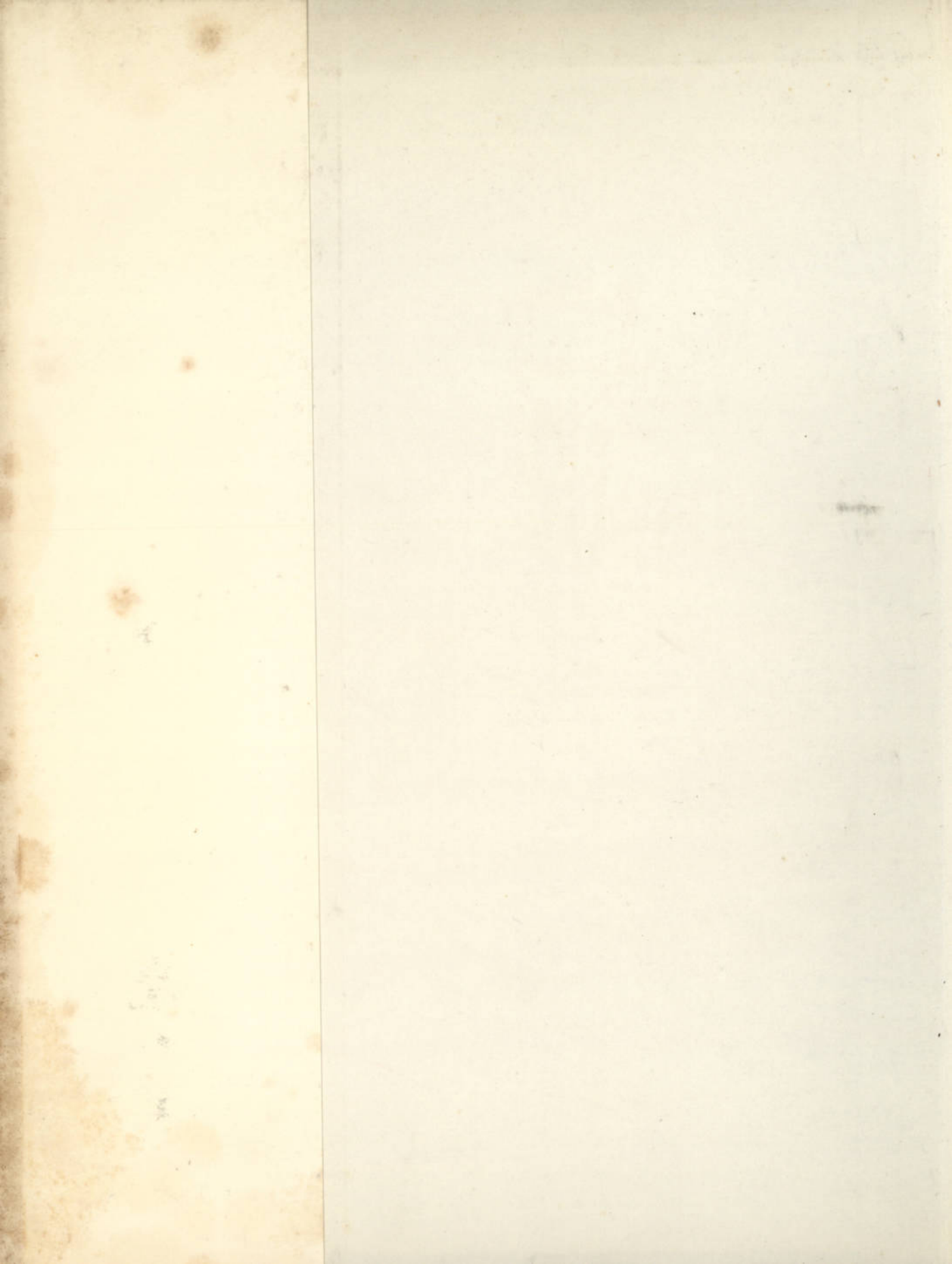


683

1967 * MENSAGEM
DE
ANO NOVO
DO * CHEFE
DO ESTADO

6



683 5N1



O SENHOR ALMIRANTE AMÉRICO THOMAZ AO PROFERIR A SUA MENSAGEM DE ANO NOVO AOS PORTUGUESES ESPALHADOS PELO MUNDO

1967 * MENSAGEM
DE
ANO NOVO
DO * CHEFE
DO ESTADO

S.N.I.
6

INCORPORAÇÃO

1967 * MENSAGEM
DE
ANO NOVO
DO * CHEFE
DO ESTADO

PELA acção incessantemente corrosiva do tempo e com uma rapidez que se afigura cada vez maior, mais um ano transitou para o passado e outro ocupou o seu lugar. Mas como infelizmente vem sucedendo, o ano que passa leva sempre consigo a maior, a grande parte das esperanças nele depositadas e pouco mais deixa do que desilusões, a somarem àquelas que os anteriores foram acumulando. É que o Mundo continua vogando sem bússola e cada vez mais ao sabor dos acontecimentos e dos interesses materiais; só a compreensão de todas as Nações ou, ao menos, das mais responsáveis, o poderia encaminhar em rumo salvador. Mas a cooperação que se impunha teria de ser leal, séria e desinteressada, o que é desgraçadamente muito difícil de conseguir, no ambiente em que grande parte da humanidade vive presentemente e em que domina o culto do eu, um egoísmo por vezes quase feroz, a febre do gozo, a ânsia da riqueza e, até, a falta de dignidade.

Estas minhas primeiras palavras não exprimem um estado de alma muito optimista neste primeiro dia do ano de 1967, mas tal circunstância não obsta, evidente-

mente, a que eu dirija a habitual mensagem desta quadra a todos os portugueses, pois, como cristão, tenho o dever de confiar em Deus e de esperar que Ele ilumine os homens e os torne mais cristãos e, portanto, mais humanos. E, além de tudo mais, trata-se duma obrigação que cumpro muito gostosamente e me permite fazer uma pequena resenha dos factos mais relevantes ocorridos entre nós no ano que findou, exprimir o meu pensamento sobre o estado em que vai o Mundo e, principalmente, desejar a todos os meus compatriotas, vivam perto ou longe, sejam abastados ou pobres e, sobretudo, aos mais necessitados de ajuda, um ano que possa desmentir todos os pessimismos e as más impressões deixadas pelos que o precederam. Que ele traga a todos os portugueses as reais felicidades de que são inegavelmente merecedores, não apenas pela sua habitual e correcta conduta no Mundo, mas até pelo seu autêntico e provado amor à verdadeira causa da Paz.

Como nos anos anteriores, começo por fazer rápidas referências ao panorama do Mundo actual, focando alguns aspectos que mais particularmente nos interessam.

Sem repetir o que ficou dito em mensagens que antecederam esta e continua, infelizmente, a ser válido, é no entanto de acentuar sucederem-se rapidamente os anos e continuar grande parte da Humanidade mergulhada na maior miséria e em autêntica escravidão. E, também, não parece diminuir a insegurança em que vivem os povos menos bafejados pela fortuna e antes tender a agravar-se cada vez mais, por o Mundo continuar a ser governado pelos interesses materiais e pelos extremismos, em vez de o ser pela inteligência e pela razão.

E é por isso que a palavra liberdade, embora ainda muito largamente apregoada, passou a ter um significado bastante restrito, quanto a muitas das suas facetas e expressões. Nunca se foi tão pouco tolerante e tanto os homens como os Estados, quando se sentem fortes, pretendem impor aos restantes as suas ideias e a sua vontade, sem quererem admitir que os outros têm, também, o direito de ter as suas e de as preferir para seu uso. Supõem-se detentores dum padrão de vida ideal e por assim dizer único, sem repararem que o figurino que pretendem impor, nem a todos acerta e convém. E ao

quererem, talvez inadvertidamente, mandar em casa alheia, além de negarem o verdadeiro significado da palavra liberdade, cometem um erro grave, que pode envenenar toda a vida de relação.

Esta maneira de pensar e de agir tem-nos sido muito desfavorável e trazido grandes dificuldades. Compreende-se perfeitamente, no interesse da sua própria política de domínio mundial, que os países comunistas pretendessem a independência de todos os territórios asiáticos e africanos pertencentes aos países ocidentais, pois através dessa frágil independência tinham a certeza de que a maioria dos novos Estados, dado o seu confrangedor atraso, acabaria por cair na sua órbita. Mas se isto era por de mais evidente, mais evidente se tornava ainda a necessidade de os países ocidentais contrariarem tal política, em vez de a abraçarem também.

Supor que a concessão de independências, mesmo sem possibilidades reais de êxito, contrariava a política comunista, afigurou-se sempre ser um grave erro e o tempo acabou por o demonstrar, pois grande parte desses novos países, caindo no caos, encetaram a via mais rápida

para se comunizarem. E assim, a política seguida em África pelos países ocidentais, conduziu, afinal, à calamidade que pretendia evitar. Saiu-se da boa lógica e até do bom senso, para evitar um perigo que não existia e em que, afinal, se caiu. Os exemplos estão bem à vista, mas não há coragem moral para os reconhecer claramente e muito menos para lhes tentar dar remédio. É bem certo e mais uma vez se verificou, que no abismo se precipitam os que mais receiam cair nele.

Ao contrário, a nossa política em África, fruto de alguns séculos de experiência e de sábio convívio, não se mostrou até agora errada, ao invés das adoptadas por outras nações, menos conhecedoras do meio. E se abstrairmos as infiltrações provenientes de países que não conhecem as regras de boa convivência e ajudadas inexplicavelmente por aqueles que se deviam opor a elas, podemos afirmar que nos nossos territórios de África há paz, há ordem e há progresso, inexistentes em muitos dos países africanos considerados independentes. Não reconhecer esta verdade é inverter o significado das palavras, mas já estamos habituados a essa inversão,

pois se está vivendo num Mundo em que a mentira de uns é tida como verdade e a verdade de outros como mentira.

No plano interno, o ano que findou caracterizou-se pela continuação da defesa dos nossos territórios de além-mar, contra os terroristas treinados em países estrangeiros e que deles se serviram como base de partida e local de refúgio e pelas comemorações do 40.º Aniversário da Revolução Nacional, iniciadas brilhantemente em Braga, no dia 28 de Maio e encerradas com igual brilhantismo em Lisboa, no dia 29 de Dezembro.

Empenhados na defesa das fronteiras dos nossos territórios de Angola, da Guiné e de Moçambique, têm os bravos soldados portugueses, dos três ramos das forças armadas, sabido cumprir exemplarmente e abnegadamente o seu dever de patriotas sem mancha. Através da Emissora Nacional e da Radiotelevisão Portuguesa os saúdo com toda a gratidão e lhes digo que neles confio e confiei sempre, na certeza absoluta da sua inteira devoção à causa sagrada da Pátria. Mas é bom não esquecer e não pode ser esquecido, que a coesão e a bravura dos que se batem exigem a coesão e a segurança da reta-

guarda, que a todos cumpre defender com igual devoção e tenacidade e evitando quaisquer ostentações que justificadamente firam a sensibilidade da grei.

Decorreram as cerimónias comemorativas do 40.º Aniversário da Revolução Nacional de forma altamente prestigiante e algumas revestiram-se, até, duma solenidade verdadeiramente excepcional. E apenas por casualidade do destino, mas feliz e merecida casualidade, se tornaram realidade, neste ano jubilar, as duas maiores obras do século: a Ponte Salazar, inaugurada no dia 6 de Agosto e o novo Código Civil apresentado em soleníssima sessão realizada no Salão Nobre do Supremo Tribunal de Justiça, em 10 de Maio.

A Ponte Salazar, que tão airosamente adorna o Tejo e ficou ligando as suas margens num amplexo de perene união, constituiu, durante largas dezenas de anos, a suprema aspiração dos lisboetas. Considerada praticamente irrealizável, até há pouco tempo, sobretudo no local em que foi erguida, é bem um símbolo, o melhor símbolo, da Revolução Nacional, e por isso recebeu, muito naturalmente, o único nome que lhe era devido.

Foi um acto de justiça que se prestou. E soleníssima foi a sua inauguração, inesquecível para todos que gozaram do privilégio de a ela terem assistido.

Mas além da Ponte Salazar e do novo Código Civil, outros empreendimentos valiosos se inauguraram no período abrangido pelas comemorações do quadragésimo ano, avultando entre eles a inauguração da Barragem dos Pisões (Alto Rabagão) em 30 de Maio, do Porto de Pesca de Pedrouços em 29 de Junho, da electrificação da linha férrea Porto-Lisboa em 3 de Novembro e do Panteão Nacional de Santa Engrácia em 7 de Dezembro. Esta última inauguração pôs termo ao velho símbolo das obras inacabáveis, que durante muito tempo «as obras de Santa Engrácia» representaram. Um motivo de orgulho para os artífices que concluíram o templo e, também, para a própria Revolução Nacional, que em toda a parte tem deixado bem marcada a sua vivência.

E quantos outros empreendimentos foram inaugurados entre 28 de Maio e 29 de Dezembro e quantos outros acontecimentos, das mais variadas índoles, tiveram lugar? Se, na verdade, nem tudo em que se pensou

foi realizado, o que se levou a efeito foi largamente suficiente para nos congratularmos todos com as comemorações e para felicitar-mos vivamente quantos contribuíram para o seu excepcional brilho.

Foram as comemorações realizadas sob o signo «Celebrar o Passado, Construir o Futuro». Com a maior dignidade celebrámos o passado e pusemos em evidência quanto de benéfico ele representou para o País. Construir o futuro é agora o sagrado dever de todos os Portugueses. Saibamos fortalecer os alicerces desse futuro, com a mesma fé que iluminou o nosso trabalho no passado e tenhamos esperança na juventude que ao receber o testemunho, tudo certamente fará para o honrar.

Nas mensagens dos anos anteriores era normal a referência às principais visitas e inaugurações por mim efectuadas no País. Nesta, porém, tal não se afigura viável, dado o seu grande número. Basta referir ter sido solicitado, com uma frequência muito superior à dos outros anos, para um avultado número de cerimónias, ligadas ou não, às comemorações do 40.º Aniversário da Revolução Nacional. A todas que mereciam a minha

presença, compareci com agrado. Foi um esforço grande, que a muitos pareceu exagerado. Se foi, não o senti e mesmo que o sentisse, não deixaria de o realizar. De resto, tudo quanto possa representar mais pão para os portugueses, mais lares capazes e mais meios de educação e de instrução, merece sempre o meu aplauso, não me cansando de o manifestar. Só lamento que muita gente ainda viva mal entre nós, sem dispor de um lar condigno e sem a instrução e a educação que todo o ser humano deve possuir, para se poder tornar num elemento de maior valia na sociedade.

Duas palavras direi, ainda, antes de dar por finda esta mensagem.

A primeira, é para lembrar a memória de todos quantos, desde Março de 1961, caíram em defesa do solo pátrio. São já infelizmente muitos os militares e os civis sacrificados na guerra que nos movem do exterior, com a cumplicidade de alguns países e a complacência de muitos outros. Trata-se de uma guerra subversiva e insidiosa, que nada honra quem a inventou, nem quem a pratica. É um tipo de guerra, de sabor comunista, que

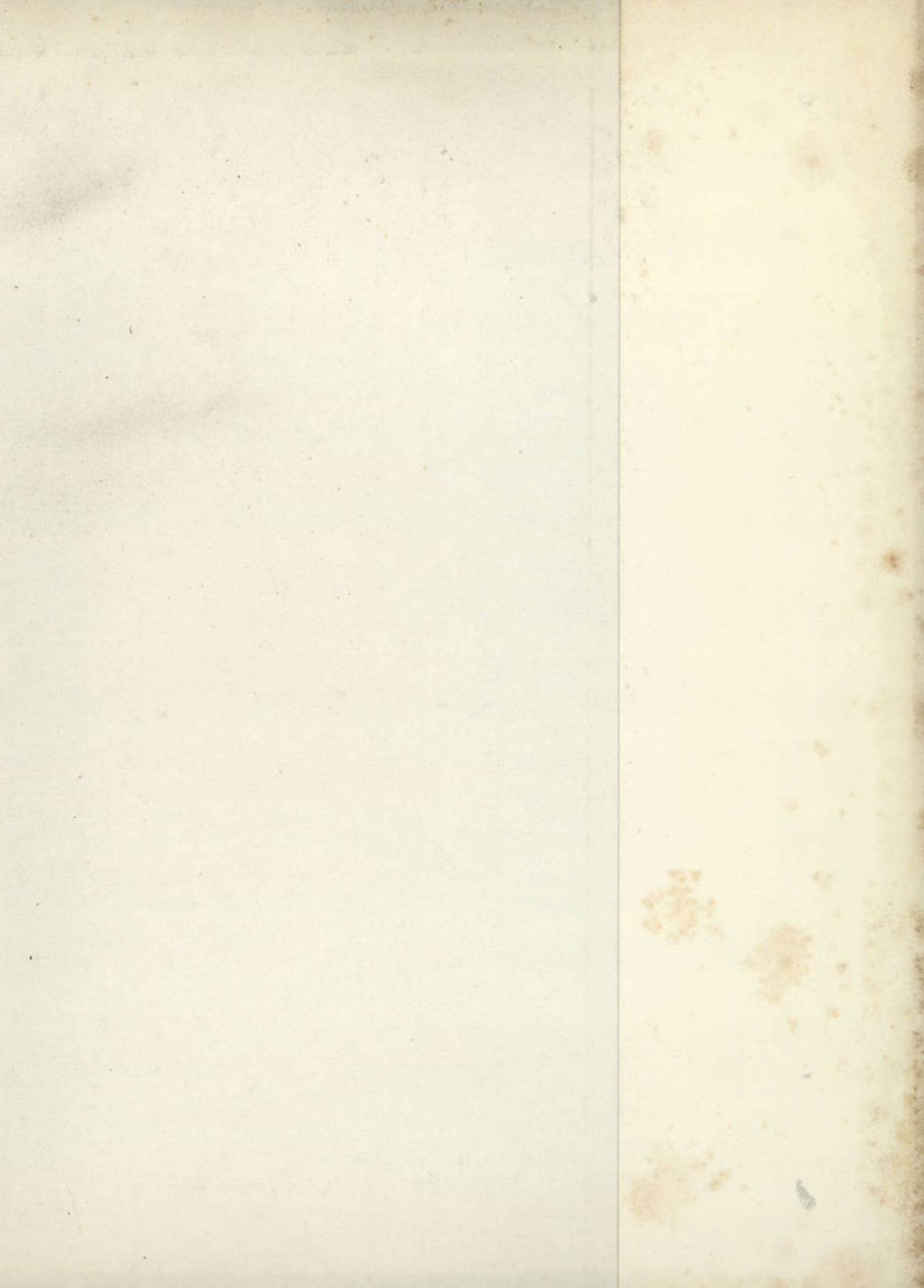
envergonha a humanidade e deveria ter a repulsa de todo o ser digno e verdadeiramente humano. E para mostrar a falta de escrúpulos e de sentimentos dos discípulos dos seus mentores, basta lembrar que o ataque à vila fronteiriça de Teixeira de Sousa foi praticado na noite de Natal, com feiticeiros e drogados à frente, na mira duma chacina mais fácil e completa. Mas o Mundo só se impressiona com a guerra no Vietname; o resto acha natural. Rezemos nós pelos nossos mortos, com a promessa firme de que não os trairemos.

A segunda palavra é naturalmente devida aos que vivem no Estado Português da Índia, território nacional com mais de quatro séculos e meio de existência. A escravidão em que caíram, há cinco anos, violentamente imposta, não deu mais brilho à estrela de quem a levou a efeito, antes a empalideceu e apagou. A apregoada libertação fez perder a liberdade de que sempre gozaram os habitantes de Goa, Damão e Dio, que agora, sim, vivem oprimidos e não cessam de reagir, sempre na esperança de melhores dias, daqueles que agora saudosamente recordam. De longe, embora, devemos acalentar sempre

essa esperança e tudo deveremos fazer para que esses melhores dias venham a ser uma realidade. É uma obrigação que o Passado impõe, pois o sangue vertido heróicamente pelos nossos maiores, em lutas épicas e num dos mais sagrados rincões da Pátria Portuguesa, não pode ser esquecido, nem menosprezado.

É após esta segunda palavra vou terminar.

E termino, lembrando que em 13 de Maio deste ano Fátima será o Altar de Todo o Mundo Cristão. Centenas de milhares de portugueses e muitos milhares de estrangeiros irão à Cova da Iria implorar à Virgem de Fátima que dê a Paz ao Mundo. Se Deus o permitir, lá estarei também e as minhas preces, nesse dia, serão para que Ela conceda aos Portugueses todas as graças que merecem pelos seus sacrifícios, de séculos, a favor da Cristandade, e para que Portugal possa auferir a Paz a que aspira e em que sempre desejou viver.



NB



EFG00000513392

SNI

S